



# KPMG Business Insights América do Sul

**Edição N°17**  
**Institucional**

**Charles Kriek,**  
presidente da KPMG no Brasil e na América do Sul

Julho 2021

## Recuperação econômica pós-pandemia: Como estamos na América do Sul?

### Principais conclusões do evento “Preparando-se para a nova realidade”.

Sem dúvida, **a pandemia da covid-19 tem sido o grande impulsionador de muitas das tendências que, gradativamente,** foram implementadas, dando novos formatos às nossas estruturas sociais e produtivas. Ninguém pode negar que a crise sanitária fomentou o investimento tecnológico nas empresas ou transformou os costumes e o padrão de comportamento dos consumidores como nenhum outro evento. As ferramentas e os modelos tradicionais de fazer negócios já não são tão eficazes para obter lucratividade quanto eram no passado. Hoje, as empresas são obrigadas a rever seu padrão de negócios e sua estratégia comercial, e inclusive redefinir seu propósito diante de uma sociedade que, em decorrência da pandemia, vem impulsionando suas demandas relacionadas ao meio ambiente e à segurança. E o que é mais interessante: as organizações tiveram que resolver tudo isso em menos de dois anos.



Esse processo, que busca associar a transformação digital das empresas com o impulso que está sendo dado à aplicação das vacinas contra a covid-19 globalmente, tem como resultado o objetivo mais almejado pelos países: **a recuperação econômica e o retorno aos níveis de desenvolvimento pré-pandemia**. Estatísticas recentes apontam que a taxa de crescimento e o consequente “retorno à normalidade” estão intimamente relacionados à trajetória do vírus no país ou região analisada (portanto, podemos concluir que **uma maior taxa de vacinação ou uma menor virulência promovem uma rápida recuperação**). Seguindo essa relação, a crença geral é que os EUA, devido a um processo de vacinação bem-sucedido, serão o primeiro país a retornar aos níveis de crescimento pré-pandemia, enquanto estima-se que os mercados emergentes (entre eles, os países da América Latina), por estarem menos preparados para enfrentar a crise e com recursos limitados para compra de vacinas, terão um caminho complexo para retomar a trajetória de crescimento (Argentina, Brasil e México estão entre os principais).

No entanto, **é importante observar que as diferenças nesses processos de recuperação representam sérios impasses para os países e mercados bem posicionados**, uma vez que a grande dependência que eles continuam tendo das cadeias de suprimentos internacionais e dos vínculos comerciais que os ligam a mercados menos desenvolvidos (por exemplo, com produtores e exportadores de *commodities*) pode representar um sério obstáculo à consecução dos seus objetivos. Além disso, para dar solidez a essa preocupação, as evidências indicam que, enquanto os países de alta renda adquiriram a maior parte das vacinas em produção e até registram excedentes (EUA, Austrália, Japão etc.), outras economias mais fracas estão com dificuldades para acessá-las. Essas desigualdades têm implicações significativas para o desenvolvimento global,

pois representam uma ameaça latente à recuperação em curso, principalmente por conta das possíveis interrupções das cadeias produtivas e no consequente prolongamento da crise atual. A título de exemplo, nos Estados Unidos, a indústria química pode ser seriamente afetada no curto prazo, por depender da importação de bens e insumos da Índia e do **Brasil**, países seriamente afetados pelo número de infecções e pelo fechamento indefinido de fábricas – algo que gera interrupções nos embarques para os EUA. **Consequentemente, uma recuperação econômica global de acordo com as expectativas exige um processo de vacinação equitativo, que permita que todos os países envolvidos na relação de produção e consumo mundial retornem aos poucos à trajetória de crescimento.**

Paralelamente ao fato de que os mercados emergentes e os países menos desenvolvidos deveriam poder acessar um maior número de vacinas para as suas populações de modo gradativo, recuperando seus indicadores econômicos mais rapidamente (sobretudo aqueles referentes ao comportamento dos produtos, das exportações e dos empregos), **nos últimos meses de 2021 e graças ao impulso que a demanda internacional de *commodities* vem recebendo como resultado da retomada econômica de economias desenvolvidas que estão saindo da crise (como a China), começamos a observar uma forte recuperação nos preços das *commodities* mais representativas**, como petróleo, gás, café e cobre, **o que representa um incentivo para os países da América Latina em geral e da América do Sul em particular**. Ademais, podemos notar o impulso que a economia do **México** está recebendo por meio da forte recuperação dos EUA (de quem depende em grande medida tanto para as remessas quanto por ser seu principal parceiro comercial), ou pela lenta recuperação em curso



Estatísticas recentes apontam que a taxa de crescimento e o consequente “retorno à normalidade” estão intimamente relacionados à trajetória do vírus no país ou região analisada.



Nos Estados Unidos, a indústria química pode ser seriamente afetada no curto prazo, por depender da importação de bens e insumos da Índia e do Brasil.

no **Brasil**, mesmo considerando os desdobramentos no sistema de saúde, nos empregos e na economia do País.

Um caso particular dentro desse universo de países parece ser o da **Argentina**. Somado ao impacto sanitário e econômico da crise há a grande dívida que o país tem com organizações internacionais (Clube de Paris e FMI), uma combinação que poderá dificultar seriamente a sua recuperação. De acordo com um último relatório divulgado pela OCDE<sup>1</sup>, a Argentina é o membro do G20 que pode ter as maiores dificuldades para recuperar os níveis de crescimento pré-crise. No entanto, a saída da China da pandemia, o ressurgimento da demanda internacional por *commodities* e a mudança na tendência dos preços compõem uma série de eventos decisivos para acelerar a recuperação da Argentina e dos demais países da América do Sul – de modo particular, a Argentina registrou, em maio de 2021, o maior nível de entrada de divisas do setor agrícola desde os recordes alcançados em 2003, quando ocorreu um dos ciclos com maiores aumentos nas exportações da história. Na mesma linha, a recuperação está chegando ao **Chile**, o país que, até agora, teve o programa de vacinação mais bem-sucedido da região e cuja atividade econômica superou os valores pré-crise pela primeira vez em janeiro de 2021, principalmente devido ao varejo. Por fim, e apesar da falta de investimentos ou da crise política que está atravessando, a **Colômbia** também mostra sinais de recuperação, em grande parte devido à recuperação que está ocorrendo nos Estados Unidos (que, como o México, é o seu principal parceiro comercial).

**Fica claro que as perspectivas de curto prazo para os países da América do Sul continuam desafiadoras**, tanto do ponto de vista político quanto socioeconômico. A incerteza ainda é um ponto relevante para a maioria das economias da região se considerarmos que o processo de vacinação não foi homogêneo e está longe de ser perfeito, exceto talvez no caso do Chile. Da mesma forma, como já ocorreu no resto do mundo, a pandemia acelerou boa parte das tendências que foram

<sup>1</sup> “Perspectivas Económicas de la OCDE. Una recuperación fuera de lo común. Navegando hacia la transición”, Organización para la Cooperación y el Desarrollo Económico (OCDE), N° 109, edición 1/2021, maio de 2021. . <https://www.oecd.org/perspectivas-economicas/>



se instalando gradualmente, obrigando as empresas a um processo de adaptação vertiginoso. Além disso, embora seja verdade que essa situação traga consigo uma série de oportunidades que podem ajudar a retomar o caminho do crescimento, ela também gera algumas ameaças. Ainda assim, o caminho continua o mesmo: seguir em frente. É seguro prever que no médio prazo o ritmo de vacinação aumentará na nossa região (quase certamente durante o segundo semestre de 2021), possibilitando uma reativação econômica completa e um maior desenvolvimento nessa “nova normalidade”. Contudo, a maioria dos países sul-americanos necessitará mais do que uma solução definitiva para o problema sanitário, já que arrastaram crises econômicas, políticas e sociais antes da pandemia (pobreza, inflação, estagnação econômica, dívida externa, falta de investimentos etc.). O novo ciclo de aumentos que parece estar ocorrendo em torno dos preços externos das *commodities* pode significar um primeiro elemento de ajuda, considerando a alta dependência que a região tem de tais produtos. Todavia, isso não fornecerá uma solução para os problemas que afligem a região. A vontade de mudar é necessária, tanto do setor público quanto do privado, para construir os consensos e instrumentos que permitam atingir esse objetivo. Dessa forma, a região não só poderá crescer a taxas adequadas, **mas também estará bem preparada para a próxima grande crise.**



# Ser especialista transforma negócios

Nosso conhecimento e nossa atuação nas especificações de diferentes empresas nos conduzem a decisões acertadas diante dos desafios de cada setor.

#KPMGTransforma



2021 KPMG S.A.S. y KPMG Advisory, Tax & legal S.A.S., sociedades colombianas y firmas miembro de la red de firmas miembro independientes de KPMG afiliadas a KPMG International Cooperative (“KPMG International”), una entidad suiza. Derechos reservados.

